

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a mística do Papa Francisco enquanto capacidade dialógica-relacional. Para tanto, busca-se refletir primeiramente sobre o conceito de mística na tradição cristã. Posteriormente, faz-se algumas considerações sobre o conceito em nossos dias enquanto “mística de olhos abertos”, como propõe o teólogo alemão Johann Baptist Metz, o que implica fundamentalmente uma mística do diálogo, da relação, encontro com o próximo. Valendo-nos da base histórico-contextual de Francisco, ou seja, seu berço latino-americano, examina-se também a respeito da imperativa “opção preferencial pelos pobres”, expressão cunhada nas Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), que entram para a Tradição de toda a Igreja como referencial teológico que exige o anúncio de Cristo Salvador a todos, preferencialmente os mais pobres e excluídos, destinatários por excelência da Boa Nova. Conclui-se tendo presente o contributo da Encíclica Fratelli Tutti (2020), destacando-se um autêntico caminho proposto pelo Santo Padre a ser seguido por todas as pessoas, a fim de que seja colocada em prática esta verdadeira mística do diálogo que se dá nas relações de fraternidade e amizade social.

Palavras-chave: Mística. Diálogo. Francisco.

ABSTRACT

This article reflects on the mysticism of Pope Francis as a dialogical-relational capacity. To this end, it seeks to reflect first on the concept of mysticism in the Christian tradition. Subsequently, some considerations are made about the concept in our days as “mysticism with open eyes”, as proposed by the German theologian Johann Baptist Metz, which fundamentally implies a mysticism of dialogue, relationship, and encounter with others. Using the historical-contextual basis of Francis, that is, his Latin American birthplace, it also examines the imperative “preferential option for the poor”, an expression coined in the Conferences of Medellín (1968) and Puebla (1979), which enter the Tradition of the entire Church as a theological reference that demands the proclamation of Christ the Savior to all, preferably the poorest and most excluded, the recipients par excellence of the Good News. The conclusion is based on the contribution of the Encyclical Fratelli Tutti (2020), highlighting an authentic path proposed by the Holy Father to be followed by all people, so that this true mysticism of dialogue that occurs in relationships of fraternity and social friendship may be put into practice.

Keywords: Mysticism. Dialogue. Francis.

1 INTRODUÇÃO

Quando se observa atentamente o pontificado de Francisco pode-se reconhecer um homem profundamente embebido de espiritualidade cristã. Neste sentido, suas palavras e gestos apontam para um modo de vida que transcende alguns paradigmas destes nossos tempos. Constatase atualmente um processo de fechamento de nações, religiões e pessoas ao entorno de pseudo-seguranças que tornam o ser humano “mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os



Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência”¹.

Com efeito, tais seguranças que fomentam o individualismo impedem um diálogo entre os diferentes, desacredita a capacidade de promoção do bem comum, da justiça e união em favor da coletividade. Neste cenário, Francisco destoa como uma voz de resistência. Sua Encíclica *Fratelli Tutti*, apresentada em 03 de outubro de 2020, é um grande testemunho do seu desejo de um autêntico diálogo que se dá nas relações de fraternidade e amizade social. A saber, neste texto escrito após sete anos de pontificado, há uma verdadeira compilação de alguns dos temas mais relevantes tratados ao longo dos últimos anos. Dentre estes aspectos destaca-se a questão do diálogo, palavra-chave apresentada especificamente no capítulo sexto da Encíclica quando trata do “Diálogo e amizade social”.

Neste quesito, pode-se perceber que o diálogo na perspectiva de Francisco se dá enquanto envolto por uma verdadeira mística, carregado de uma exigência de “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender, procurar pontos de contato: tudo isso resumido no verbo dialogar”². Logo, o diálogo é muito mais que mero discurso repleto de formalidades, fundamentado apenas em relações diplomáticas, para o Papa trata-se do estabelecimento de uma relação, um encontro, capaz de promover o bem, de superar divisões.

Por vezes, é fato que o diálogo não é valorizado. Pode-se afirmar que na atualidade “reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco”³. Contudo, ainda que o diálogo não seja tão repercutido quanto o conflito, este deve ser cultivado como um valor universal. Por isso, há uma insistência do Santo Padre neste tema, a tal ponto que seja concebida a ideia de uma mística do diálogo.

Aprofundando o conceito de mística na tradição cristã pode-se perceber que a mesma não é experiência restrita a homens e mulheres espiritualmente elevados. Francisco concebe, por exemplo, que “partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária. Isto dá origem a autênticas experiências místicas vividas em comunidade”⁴. Trata-se, portanto, de uma mística vivenciada na simplicidade do cotidiano, santificando as realidades nas quais os cristãos encontram-se inseridos.

Deste modo, pode-se falar de uma experiência divina que adentra a história a partir da abertura do indivíduo à comunhão com Deus e os irmãos. Como explica Pereira, trata-se de uma “experiência antropológica sim, mas que toca numa espécie de zona-limite da experiência humana. É importante ressaltar também, que o valor da experiência não depende de fenômenos extraordinários, embora em alguns relatos estejam presentes”⁵. Com efeito, superando o isolamento e o individualismo, essa proposta da mística do diálogo no põe em processo contínuo de busca da comunhão.

Na verdade, a experiência cristã apresentada por Francisco em palavras e gestos demonstra

¹ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.12.

² FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.198.

³ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.30.

⁴ FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n. 142.

⁵ PEREIRA, Sibelius Cefas. Mística e Religião. In: *Interações – cultura e comunidade*. Belo horizonte, Brasil, v.10 n.17, p.8-12, Jan/Jun 2015, p. 9.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

que “todos nós podemos vivenciar Deus e, neste sentido, tornarmo-nos místicos – e devemos, de tal forma, libertar este conceito da ideia de mistério, segundo o qual só os altamente abençoados podem tornar-se místicos”². Francisco assinala para esta possibilidade de uma “mística do diálogo” na medida em que testemunha uma fé aberta ao amor fraterno irrestrito, verdadeira comunhão universal.

Afirma o Santo Padre: “Essa necessidade de ir além dos próprios limites vale também para as diferentes regiões e países. [...] Independente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas –, vemos semeada a vocação para formar uma comunidade de irmãos”³. Esse ideal de fraternidade requer mística, ou seja, a partir do que se crê buscar esta união com Deus e os irmãos de forma extraordinária, isto é, superando os próprios limites e barreiras que são criados e tornam-se empecilho para um efetivo diálogo. Tais barreiras constituem verdadeiro escândalo na perspectiva cristã, afinal, como afirma João: “Se alguém declarar: ‘Eu amo a Deus!', porém odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não enxerga” (1 Jo 4,20).

É preciso considerar que o próprio cristianismo desenvolveu-se na história sob esta perspectiva do diálogo. “Naturalmente essa visão contém uma premissa relevante, tanto para a religião quanto para a cultura: o cristianismo precisava ligar sua pretensão de religião universal com uma cultura da sensibilidade, do reconhecimento do outro, em sua diferença”⁴. Metz em sua obra “Mística de olhos abertos” ajuda a refletir sobre esse diálogo no seio do cristianismo não como ideal, mas como possibilidade de uma cultura, um processo a ser desenvolvido e estimado, posto que, tão em falta nestes tempos.

Francisco, atento aos desafios do tempo presente, ao escrever esta Encíclica social indicou um caminho de abertura e diálogo a ser trilhado. Para o Santo Padre, é preciso dar passos neste sentido, afinal, o diálogo é um caminho do desenvolvimento humano imprescindível, em particular, em tempos sombrios de grandes conflitos com escaladas cada vez mais alarmantes e assustadoras. Em suas palavras: “se esta afirmação – como seres humanos, somos irmãos e irmãs – não ficar pela abstração mas se tornar verdade encarnada e concreta, coloca-se uma série de desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspectivas e produzir novas reações”⁵.

Dentre os desafios atuais, seguindo nas pegadas de Francisco, deve-se considerar efetivamente a questão dos pobres. Afinal, também estes são sujeitos do diálogo que, por vezes, devido a uma cultura do descarte, tão em voga na atualidade, têm tido suas vozes silenciadas. Contudo, é preciso defender acirradamente que “todo ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente”⁶. Mas, para que se compreenda essa exigência é fundamental este diálogo, comunhão, proximidade com aqueles que gritam e, por vezes, não são ouvidos.

Por isso, a mística do diálogo necessariamente deve perpassar essa relação com os pobres, afinal, dessa relação desponta a superação de reivindicações individuais muitas vezes caladas e marginalizadas. Um diálogo que dá espaço a essas vozes pode ocorrer quando repleto desta mística que

² BOFF, Clodovis. Experiência de Deus. São Paulo: Paulus, 2017, p. 13

³ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.96.

⁴ METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013, p.56.

⁵ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.128

⁶ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n. 107.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

se busca compreender de maneira aprofundada por meio deste artigo. Com efeito, dando voz e estabelecendo uma escuta atenta às exigências de caráter social e antropológico que hoje são urgentes se pode experimentar verdadeiramente uma dimensão mística nestas relações.

2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE MÍSTICA

Na tradição da Igreja a experiência mística sempre se fez presente. Entretanto, para além de uma referência eclesial, pode-se falar de mística como uma experiência mais ampla, um fenômeno presente em diversas tradições religiosas. Com efeito, “etimologicamente, místico vem da palavra grega *mystikós*, associada com os mistérios iniciáticos e com o secreto. Deriva do verbo *myo*, que significa a ação de fechar a boca e os olhos”¹¹. Homens e mulheres em diversas partes do mundo mostraram-se abertos a uma experiência que transcende a realidade habitual, adentrando assim no espaço do mistério inefável.

Nos ensinamentos místicos egípcios, herméticos e alquímicos, e mesmo no taoísmo chinês, no tantrismo da Índia e no budismo tibetano, o locus da manifestação mística é simbolizado com o coração, centro espiritual da pessoa dotada de uma função dinâmica que integra as energias celestes e as faz convergir com a subjetividade espiritual do gnóstico¹².

A partir destas experiências surgiram diversos escritos, testemunhos, relatos que foram sendo transmitidos acerca destas experiências que despertam interesse e curiosidade entre diversas áreas do conhecimento. Filósofos, psicólogos, sociólogos e teólogos, dentre outros, refletem acerca deste fenômeno místico experimentado por pessoas que asseguram uma experiência de fato, porém, com grande dificuldade conseguiram expressar em linguagem objetiva algo que pudesse traduzir tal experiência subjetiva e interior.

A tarefa de comunicar a experiência mística parece condenada ao fracasso, porque é impossível traduzir um transe suprarracional e infinito através de um instrumento racional e limitante – a linguagem. O problema é muito antigo: Platão propõe já em Crátilo, uma das primeiras críticas da linguagem, crítica que é intensificada quando os Padres da Igreja se referem a Deus – ao Deus vivo, centro da experiência mística – como referencial da palavra humana¹³.

Todavia, no seio do cristianismo a experiência mística constitui um verdadeiro patrimônio, ainda que complexo tal fenômeno é valorizado e respeitado. Enquanto adesão de fé, isto é, adentrar

¹¹ BARALT, Luce López. MÍSTICA. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

¹² BARALT, Luce López. MÍSTICA. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

¹³ BARALT, Luce López. MÍSTICA. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009, p.373

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

o Mistério, pode-se dizer que todos os cristãos passam por uma experiência sacramental de aproximar-se do Mistérios que lhes são dados a conhecer nos rituais celebrados. Por exemplo, nas Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Alexandria, vemos uma verdadeira preparação dos catecúmenos para adentrarem nos mistério da fé cristã. “Os textos explicam os ritos e o mistério espiritual realizado nas celebrações dos sacramentos e são norteados pelas Escrituras, particularmente por São Paulo”¹?

O desenvolvimento de uma mística cristã foi algo progressivo ao longo dos séculos, encontrando grande espaço especialmente nos mosteiros, estes se tornaram referenciais no Ocidente. Mas, deve-se afirmar que também no Oriente a experiência mística cristã deu seus frutos para a Igreja, de modo singular pelo grande contributo do período da Patrística.

A história da mística cristã primitiva, especialmente no mundo de língua grega, está diretamente relacionada aos desenvolvimentos ocidentais subsequentes, não apenas através do monarquismo, a matriz institucional da maior parte da mística ocidental até o século XII, mas também através do legado dos grandes Pais da Igreja do Oriente, que foram traduzidos para o latim¹?

Neste sentido, as bases do fenômeno místico foram dadas e consolidadas desde os primórdios do cristianismo. Contudo, por vezes o conceito tornou-se demasiadamente restritivo, impedindo assim que os cristãos de modo geral se sentissem capazes de vivenciar experiências místicas. Tal concepção torna-se problemática, uma vez que todos os cristãos são chamados a adentrarem cada vez mais o Mistério da fé, afim de que tocados pela experiência de Deus sejam portadores de uma boa nova ao mundo. É neste sentido que se pode afirmar quanto à mística que

Podemos democratizar plenamente o conceito. Ao falar do cristianismo do futuro, como dirigindo-se a místicos que vivenciaram Deus, Karl Rahner referiu-se a todos os cristãos e cristãs. Todos nós podemos vivenciar Deus e, neste sentido, tornamo-nos místicos – e devemos, de tal forma, libertar este conceito da ideia de mistério, segundo só os altamente abençoados podem tornar-se místicos¹?

Dessa experiência de Deus, brota tudo mais na vida do cristão. Por isso, não se pode negar aos batizados que façam uma profunda experiência com o divino, todos são chamados a “viver em união com Ele os mistérios da sua vida”¹?. Não se pode restringir a grupos específicos, como que uma elite espiritual, a possibilidade de viverem uma experiência mística. Isto deve ser próprio de todo cristão, pois, “sendo experiência absoluta com o Absoluto, ela tende a envolver e transformar todo o ser, em todas as suas dimensões”¹?. Só poderemos falar de uma mística que toca todas as realidades a partir de pessoas que tenham sido tocadas por uma experiência de Deus.

¹? COSTA, Rosemary Fernandes. *Mistagogia Hoje*. São Paulo: Paulus, 2014, p.115.

¹? MCGINN, Bernard. *As fundações da Mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 29.

¹? GRÜN, Anselm. *Mística: descobrir o espaço interior*. Petrópolis: Vozes, 2014, p.13.

¹? FRANCISCO. *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, n.20.

¹? BOFF, Clodovis. *Experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2017, p.84-85.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

3 A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Baseado nessa experiência mística que diz respeito à experiência de Deus à qual todos os cristãos são chamados, pode-se falar em uma mística do diálogo. Da experiência de Deus brotam apelos, os ouvintes de Deus põem-se a transformar a realidade em que estão situados. Contrariamente ao que se possa imaginar, o místico não é aquele que permanece de olhos fechados para o mundo, introspectivo, alheio à realidade. Na verdade, olhando para a história da Igreja veremos quantos homens e mulheres plenos de uma experiência de Deus doaram-se em favor dos mais necessitados. Neste sentido, o Papa Francisco alerta para dois erros:

Por um lado, o erro dos cristãos que separam as exigências do Evangelho do seu relacionamento pessoal com o Senhor, da união interior com Ele, da graça. Assim transforma-se o cristianismo numa espécie de ONG, privando-o daquela espiritualidade irradiante que, tão bem, viveram e manifestaram São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá e muitos outros. A estes grandes santos, nem a oração, nem o amor de Deus, nem a leitura do Evangelho diminuíram a paixão e a eficácia da sua dedicação ao próximo. Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou então relativizam-no como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem.¹⁷

Deste modo, comprehende-se que a experiência mística desdobra-se também no plano horizontal. A saber, “a necessidade de recolhimento é um momento complementar do serviço ao próximo, e não antagônico: depois da anábase ascensional da alma, ela deve retornar pela catábase da ajuda aos necessitados, e tais movimentos não precisam estar sequer separados”²⁰. A busca de Deus não pode ser justificativa para os cristãos ignorarem os desafios que estão à sua volta. O plano vertical, isto é, “buscar as coisas do alto” (cf. Cl 3,1) não é sinônimo fuga do mundo, na verdade, trata-se de revestir-se dos valores de Jesus Cristo para transformação do mundo, da realidade que nos circunda.

A partir desta compreensão podemos falar da necessidade de uma mística que considere os mais pobres, ou, conforme expressão formulada pela tradição latino-americana, uma opção preferencial pelos pobres. Se o místico é aquele que não fecha seus olhos para os desafios do tempo presente, então quando se contempla a realidade de pobreza tão presente ainda hoje em nossa sociedade, deve-se fazer algo enquanto cristão, deve-se ter um posicionamento à luz daquilo que se crê. Mais do que ação caritativa de caráter assistencial, somos desafiados a ter um olhar teológico a respeito dessa realidade.

Com efeito, “a opção pelos pobres é mais que simples estratégia pastoral, tornando-se chave hermenêutica para a leitura da revelação de Deus na história”²¹. Deste modo, falar de uma mística que considere os pobres não é questão ideológica, mas teológica. Trata-se de uma questão ainda hoje

¹⁷ FRANCISCO. Gaudete et Exultate. São Paulo: Paulus, 2018, n.100.

²⁰ BINGEMER, Maria Clara. Narrativas Místicas. São Paulo: Paulus, 2016, p.17.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

pendente. É fato que passos são dados, testemunhos são verificados, mas é preciso avançar. Há mais de cinquenta anos pensava-se a partir de uma teologia crítica a respeito da vida social e prática de fé cristã.

Assim, em 1968, a Conferência de Medellín “não chega a formular a opção preferencial pelos pobres, mas dá centralidade à realidade dos pobres e a um compromisso eclesial a ser vivido na pobreza e em solidariedade com aqueles que são os mais fragilizados”²². Uma mudança de mentalidade marcará doravante a maneira de posicionar-se da Igreja latino-americana frente aos desafios de seu tempo. A Igreja em uma mística e verdadeiro diálogo com os mais pobres não apenas cuidou de prover assistência material, mas buscou conduzi-los à uma libertação e construção da história enquanto sujeitos.

De fato, o termo opção preferencial pelos pobres aparecerá em 1979, no documento de Puebla veremos que a expressão “aparece oficialmente e assume o papel de eixo integrador da reflexão teológica e da prática pastoral que se quer para todo o continente”²³. Com este documento de Puebla se quis uma transformação das estruturas, superação das injustiças e afirmação da dignidade humana. Todo cristão verdadeiramente disposto a viver o Evangelho comprehende que há nisto uma mística.

Como já foi dito, olhar para a realidade à nossa volta e dispor-se a transforma-la é um imperativo ao cristão que não pode ficar insensível aos clamores que brotam dos contextos em que está inserido. Com efeito, “a questão agora é a Igreja ser continuadora da tradição de Jesus, vivenciando, no momento histórico presente, seu compromisso de solidariedade com os pobres”²⁴. Pôr-se ao lado, ouvir, clamar juntos pela justiça e por um mundo novo é papel do cristão. Isso requer verdadeiramente uma mística do diálogo, de compreender que somos todos irmãos. Em tempos marcados pela lógica do consumo, na qual pessoas valem o quanto consomem, infelizmente sofrem os mais pobres com a discriminação e marginalização.

4 MÍSTICA DO DIÁLOGO A PARTIR DA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI

Em sua carta magna, *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco já dedicava um capítulo sobre a dimensão social da evangelização, no quarto capítulo há um tópico específico acerca da “inclusão social dos pobres” (n.186-216). Nisto vê-se uma preocupação em estabelecer um diálogo com e sobre os pobres. Nesta Exortação Apostólica, um verdadeiro texto programático do ministério petrino a partir das intuições e desejos de Francisco, um olhar para esta realidade dos mais pobres foi prontamente

²¹ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.303.

²² MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.304.

²³ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.306.

²⁴ MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018, p.308.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

considerada, de fato, o Papa fez jus à sua origem latino-americana, considerando a tradição da opção preferencial pelos pobres.

Quem pensa em dialogar com os pobres? É preciso uma mística para considerar que estes amados de Deus, por vezes tão ignorados e desprezados, são protagonistas do Reino, devem ter voz e vez. Para Francisco é claro que “deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”²². Mas nem todos os cristãos tem essa clareza quanto à opção preferencial pelos pobres, nem todos estão abertos ao diálogo com estes nossos irmãos em Cristo.

Com efeito, em sua recente Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa apresenta-nos um ideal a ser posto em prática, a saber, dialogar. “Alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo”²³. Se por um lado existem pessoas e grupos que optam pelos extremos, deve haver da parte dos cristãos uma tentativa sensata de estabelecer sempre um diálogo, que acontece desprovido de interesses mesquinhos, preconceitos, pois visa o bem comum.

Por isso, Francisco afirma que “a ausência de diálogo significa que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas sim em obter vantagens que o poder proporciona ou, na melhor das hipóteses, em impor seu próprio modo de pensar”²⁴. Esse diálogo desprovido da busca da verdade e do bem comum é perverso, visa o bem de alguns poucos que se beneficiam de acordos que lhes são favoráveis, ao passo que mais uma vez são excluídos aqueles que já se encontram às margens da sociedade.

Anunciar a Boa Nova a todos é um exercício de diálogo, comunicação da vida nova em Jesus Cristo que se dá gratuitamente. Destarte, “anunciar o Evangelho é encetar um diálogo salvífico. Supõe respeito pelo outro e por suas particularidades. Não procura impor-se, mas servir e persuadir”²⁵. Por isso, ir ao encontro dos mais pobres, tal qual o fez Jesus Cristo, é um dever que precisa mover os cristãos. Essa mística precisa estar presente em nossas comunidades hoje, afim de que sejamos autênticos discípulos-missionários.

Quando há esta mística do diálogo, sobretudo com os mais pobres, percebe-se que “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”²⁶. Como pede-nos o Papa Francisco, é preciso estabelecer uma nova cultura que supere dialéticas e aproxime pessoas, conduzindo-nos a um processo de convivência e integração.

Neste processo não podem ficar de fora aqueles que vivem nas periferias, posto que são sujeitos do diálogo, não meros ouvintes, quanto a isto, afirma claramente o pontífice:

²² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n.186.

²³ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.199.

²⁴ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.202.

²⁵ MÜLLER, Gerhard Ludwig. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2014, p.150.

²⁶ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n.187.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isso implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes³².

Essa consciência de integrar os mais pobres é algo que deve estar muito presente na Igreja hoje. Cada cristão deve fazer sua parte, em sua realidade local, de trabalho, bairro, município. Toda iniciativa é importante e bem vinda. A motivação de fé leva à transformação social. “Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio. Voltemos a ler alguns ensinamentos da Palavra de Deus sobre a misericórdia, para que ressoem na vida da Igreja”³¹. Ouvir, dialogar, promover, são palavras-chave nessa relação da Igreja com os pobres.

Mais do que discursos, é preciso uma mística que implica atitudes. É preciso ouvir os clamores, buscar caminhos conjuntamente, integrar os mais pobres e excluídos. Do contrário, serão feitas belas homilias, pregações, porém, desprovidas de testemunho.

Quando uma parte da sociedade pretende apropriar-se de tudo o que o mundo oferece, como se os pobres não existissem, virá o momento em que isso terá suas consequências. Ignorar a existência e os direitos dos outros provocam mais cedo ou mais tarde, alguma forma de violência, muitas vezes inesperada. Os sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade podem permanecer no nível de meras formalidades, porque não são efetivamente para todos³².

Neste diálogo que tem como ponto de partida a opção preferencial pelos pobres damos um grande passo enquanto Igreja. Afinal, “se as vezes os mais pobres e os descartados reagem com atitudes que aparecem antissociais, é importante compreender que, em muitos casos, tais reações têm a ver com uma história de desprezo e falta de inclusão social”³³. A Igreja pode fazer diferente, pode a partir de Jesus Cristo integrar a todos, pois, “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2 Cor 8, 9)”³².

5 CONCLUSÃO

Ao refletir sobre mística, os pobres e o diálogo, vemos o quanto tais temas são atuais para a Igreja. Ampliar nossa compreensão a respeito de mística é algo fundamental, pois, vemos nestes tempos o ressurgimento de formas de espiritualidade tidas como superadas, mas também veementemente denunciadas pelo Papa Francisco, por exemplo, em *Gaudete et Exultate*, ao tratar do gnosticismo

³² FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.215.

³¹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n.193.

³² FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.219.

³³ FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020, n.234.

³² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, n. 197.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

e pelagianismo atuais presentes nos “corações de muitos cristãos, talvez inconscientemente, [que] deixam-se seduzir por estas propostas enganadoras. Nelas aparece expresso um imanentismo antropocêntrico, disfarçado de verdade católica”³². Há que se cultivar essa mística evangélica do diálogo e opção preferencial pelos pobres, sem deixar-se enganar por propostas mundanas ilusórias.

Retomar aquelas referências mais fundamentais que tem por base o próprio Evangelho é um exercício que deve ser refeito constantemente. Considerar os pobres como interlocutores e protagonistas de um profícuo diálogo é algo que brota do coração da fé cristã. Por isso, “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos”³³.

Como vimos, abrir-se ao diálogo é um caminho, um processo contínuo que apesar dos desafios deve ser cultivado. “O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças”³⁴. Logo, mais vale o esforço de aproximação, a tentativa de encontrar meios, do que permanecer fechado em suas próprias convicções, sem dar ao outro voz e vez, sem estabelecer ao menos um relação de diálogo e respeito. A cultura do diálogo é imprescindível nestes nossos tempos. Diálogos que promovam uma fraternidade universal.

Por fim, ao olharmos para os desafios à nossa volta, vejamos capazes de ter presente uma mística de “olhos abertos”. A busca de Deus seja também experiência de diálogo com os irmãos, com o próximo. “Os próximos, citados no mandamento bíblico mais importante que fala do amor ao próximo, não são apenas os próximos, mas também os outros, os estranhos”³⁵. Estar aberto ao diálogo segundo esta mística cristã é estar ao lado daqueles que nem sempre são ouvidos em nossa sociedade.

Seremos benditos se estivermos dispostos a esta mística do diálogo com os pobres, afinal, “a metáfora de Jesus sobre o Juízo Final (Mt 25, 31-46) contém um critério inquietante: O que determina a salvação ou a desgraça, o céu ou o inferno, não é o que pensamo

s de Deus, mas como nos comportamos em relação aos outros, aos estranhos”³⁶. É preciso que, como Igreja, estejamos abertos e atentos ao diálogo, que façamos a diferença na vida das pessoas, especialmente os mais pobres e excluídos, que vejamos próximos!

³² FRANCISCO. Gaudete et Exultate. São Paulo: Paulus, 2018, n.35.

³³ FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013, n.198.

³⁴ FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020, n.217.

³⁵ METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013, p.57.

³⁶ METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013, p.57.

Luiz Gustavo Uchoa da Silva

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Canção Nova.

REFERÊNCIAS

BARALT, Luce López. MÍSTICA. TAMAYO, J. José. Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009.

BINGEMER, Maria Clara. Narrativas Místicas. São Paulo: Paulus, 2016.

BOFF, Clodovis. Experiência de Deus. São Paulo: Paulus, 2017.

COSTA, Rosemary Fernandes. Mistagogia Hoje. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. Gaudete et Exultate. São Paulo: Paulus, 2018.

GRÜN, Anselm. Mística: descobrir o espaço interior. Petrópolis: Vozes, 2014.

MANZATTO, Antonio. Opção preferencial pelos pobres (pp303-313). In: Compêndio das conferencias dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2018.

MCGINN, Bernard. As fundações da Mística: das origens ao século V. São Paulo: Paulus, 2012

METZ, Johann Baptist. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. GUTIÉRREZ, Gustavo. Ao lado dos pobres. São Paulo: Paulinas, 2014.

PEREIRA, Sibelius Cefas. Mística e Religião. In: Interações – cultura e comunidade. Belo horizonte, Brasil, v.10 n.17, p.8-12, Jan/Jun 2015